




## Cursos & Eventos

### II CURSO DE EXTENSÃO EM NEURODESENVOLVIMENTO INFANTIL - MÉTODOS DE AVALIAÇÃO E INTERVENÇÃO

Home Quem Somos  Conteúdo  Interesse Geral  Serviços  Busca



Para imprimir este artigo sem cortes clique no ícone da impressora   
>>>

#### PSICOPATOLOGIA E EDUCAÇÃO INFANTIL

Andréa Regina Nunes Misquiatti, Maria Claudia Brito, Caroline Stefani Dias Basso, Ana Gabriela Olivati

#### Psicopatologia e educação infantil: elaboração de manual de orientação sobre os transtornos do espectro do autismo

Este trabalho tem como objetivo relatar a experiência do processo de elaboração de um manual de orientação sobre os transtornos do espectro do autismo (TEA) voltado a profissionais que atuam na Educação Infantil. Participaram 60 professores, de ambos os gêneros, com idades entre 23 e 65 anos de duas escolas de Educação Infantil de uma cidade do interior do estado de São Paulo. Os procedimentos para elaboração do manual envolveram as seguintes etapas: levantamento e análise de literatura científica sobre o tema; seleção de temas a serem abordados; aplicação e análise de um questionário respondido por professores da Educação Infantil; construção da primeira versão do manual; análise de juízes sobre a primeira versão do manual; elaboração da versão final do manual. O questionário utilizado foi composto por 52 questões e teve a finalidade de verificar o conhecimento dos professores sobre os TEA. Como resultado a versão final do manual contém informações sobre os TEA e aspectos que envolvem a inclusão social e mais especificamente a educação inclusiva para esta população. Destaca-se a importância em levar o conhecimento aos professores da educação infantil, sendo o manual um material de apoio a orientações verbais, que pode ser consultado em diferentes momentos. O manual busca apresentar informações relevantes, mas claras e objetivas com linguagem acessível. Além disso, o processo aqui descrito pode oferecer dados que auxiliem na elaboração de materiais para profissionais que atuam na educação inclusiva de alunos com psicopatologias na infância.

**Palavras-chave:** Transtorno Autístico. Psicopatologia. Guia de Prática Clínica. Criança. Educação.

#### ABSTRACT

This study aims to report the experience of the process of developing a guidance manual on autism spectrum disorders (ASD) directed to professionals that working in preschool. 60 teachers participated, of both genders, aged between 23 to 65 years from two preschool in a city in the state of São Paulo. The procedures for preparation of the manual

#### Curso de Confeitaria

Curso Online c/ Certificado:  
Estude Quando e Onde Quiser.  
Matricule-se!



involved the following steps: survey and analysis of scientific literature on the subject; selection of topics to be addressed, implementation and analysis of a questionnaire completed by teachers of preschool; building the first version of the manual; analysis of judges on the first version of the manual, preparation of the final version of the manual. The questionnaire consisted of 52 questions and aimed to verify the knowledge of teachers about ASD. As a result the final version of the manual contains information about the TEA and issues involving social inclusion and inclusive education specifically for this population. Highlights the importance of getting the knowledge to teachers in early childhood education, with manual material support to verbal directions, which can be queried at different times. The manual aims to present relevant, but clear and objective information in accessible language. Moreover, the method described here can provide data to assist in the preparation of materials for professionals working in inclusive education of students with psychopathology in childhood.

**Keywords:** Autistic Disorder. Psychopathology. Practice Guideline. Child. Education.

## INTRODUÇÃO

A atuação em Saúde Mental abrange diversas questões, principalmente por tratar-se de um campo vasto, repleto de nuances e maneiras de se entender as possibilidades de intervenção (OLIVEIRA et al., 2008). Na população infantil, são encontradas altas taxas de transtornos mentais (TANAKA; RIBEIRO, 2009), sendo considerada a causa mais importante de problemas na infância (STEWART-BROWN, 2003). É descrita uma prevalência de psicopatologias ou problemas de saúde mental em crianças com variação de 10 a 20% da população (STEWART-BROWN, 2003). As psicopatologias na infância podem interferir no aproveitamento e desempenho escolar, e o ambiente escolar por sua vez também exerce influência para o pleno desenvolvimento e bem estar da criança.

A educação da criança deve destinar-se a promover o desenvolvimento da personalidade da criança, dos seus dons e aptidões mentais e físicos na medida das suas potencialidades (UNICEF, 2004). Em relação às psicopatologias da infância, em particular aos transtornos do espectro do autismo (TEA) há uma série de especificidades que necessitam serem levadas em consideração. Quando se trata de crianças com TEA, o déficit na interação social faz parte dos critérios diagnósticos, correlacionado a um comprometimento nas habilidades de comunicação, assim como a presença de estereotípias de comportamento, interesses e atividades (APA, 2013).

Para favorecer o desenvolvimento dessas crianças a literatura afirma a importância da intervenção precoce para melhora na obtenção de resultados positivos (CAMARGOS, 2013; RUBLE; MCGREW, 2013; CHARMAN, 2011). Nesse sentido, o contexto da educação infantil pode exercer papel fundamental para crianças com TEA, cujas características têm se mostrado como um desafio para professores e outros profissionais da saúde e educação.

Galvão e Brasil (2009) apontaram que a diversidade das situações

educativas que emerge no contexto da Educação Infantil tem direcionado a necessidade de uma formação que contemple as especificidades da educação nessa fase da vida. Os autores destacam ainda o lugar da Educação Infantil no contexto educacional mais contemporâneo, o conhecimento necessário e o perfil do professor para atuação eficiente nesse segmento.

No processo de educação escolar nos TEA é imprescindível, que o professor, um interlocutor recorrente e significativo, tenha condições de conhecer as especificidades destes e dos demais alunos da classe, de identificar suas necessidades e assisti-los da melhor forma possível (BRITO; CARRARA, 2010). A formação dos professores de alunos com TEA é fundamental para que a educação inclusiva aconteça de modo satisfatório (CAMARGO; BOSA, 2009; SIMPSON, 2005). A formação inicial e continuada do educador deve constituir a capacitação para atuar orientado por condutas profissionais intencionalmente realizadas, direcionado por conhecimentos científicos e não apenas com base em experiências vividas por ele mesmo ou por reações meramente expressas como resultado do acaso. Para isso, é necessário que o professor tenha acesso a esse conhecimento e possa a partir dele fundamentar sua prática (BRITO, 2013). Contudo, são poucos os programas de formação e treinamento em serviços bem projetados para capacitação de professores de alunos com TEA, e quando existem, além de insuficientes em número, usualmente são limitados em extensão e conteúdo (SIMPSON, 2005).

Chambres et al. (2008) investigaram a visão de 88 adultos em relação a crianças com autismo. Foram avaliados pelos adultos quatro comportamentos (dois considerados problemáticos e dois não problemáticos) produzidos por uma criança de seis anos de idade com autismo. Os adultos foram divididos em dois grupos, de pessoas "informadas" ou "desinformadas" sobre o diagnóstico da criança. Os resultados mostraram que a criança foi percebida mais positivamente quando identificada como tendo autismo, sendo que os comportamentos considerados problemáticos foram avaliados mais positivamente, quando os adultos estavam informados que a criança apresentava autismo. Porém, este efeito era dependente do tipo de comportamento e a dimensão de avaliação utilizada. Os autores sugerem que o fato de estar informado sobre a inaptidão de uma criança, ativa o uso de um padrão de comparação diferente daquele empregado para avaliar as crianças típicas. Tais dados reforçam a importância do acesso ao conhecimento para melhor lidar com os TEA.

Destaca-se neste trabalho que há diversas possibilidades e estratégias para a atuação junto aos professores que lecionam para crianças com TEA, dentre elas a produção de recursos, que possam nortear a prática desses professores. A literatura científica apresenta variados materiais voltados a crianças com dificuldades de aprendizagem em contexto escolar, mas em relação aos TEA tais materiais ainda são relativamente reduzidos. Relata-se que dispor de um material educativo e instrutivo facilita e uniformiza as orientações a serem realizadas (ECHER, 2005), e podem contribuir para professores e outros profissionais. Portanto, este trabalho tem como objetivo relatar a experiência do processo de

elaboração de um manual de orientação sobre os transtornos do espectro do autismo voltado a profissionais que atuam na Educação Infantil.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

Este estudo foi autorizado mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido dos participantes, elaborado para fins específicos desta pesquisa, segundo a Resolução nº. 196/96 e teve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da instituição sob o protocolo número 0286/2012.

Participaram desta pesquisa duas escolas municipais do ensino infantil, totalizando 60 professores, com idades entre 23 e 65 anos, 56 do gênero feminino e quatro do gênero masculino, de uma cidade no interior do estado de São Paulo. Sobre a formação dos professores, 43 cursaram pedagogia, 11 possuem magistério, três educação física, um cursou matemática, um gestão de negócios e um possui formação em letras.

Os procedimentos para a elaboração do manual envolveram as seguintes etapas: levantamento e análise de literatura científica sobre o tema; seleção de temas a serem abordados; aplicação e análise de um questionário respondido por professores da Educação Infantil; construção da primeira versão do manual; análise de juízes da primeira versão do manual; elaboração da versão final do manual.

Portanto primeiramente, foram selecionados temas relacionados à educação inclusiva de alunos com TEA, a partir de textos publicados em periódicos indexados nas seguintes bases de dados digitais: Lilacs - Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde; Scielo - Scientific Electronic Library Online disponível na web e livros sobre a temática.

Foi também aplicado um questionário utilizado em outro estudo para investigar o conhecimento de professores sobre os TEA (MISQUIATTI, et al., no prelo). O questionário foi dividido em três partes: parte 1, parte 2 e parte 3, contendo, respectivamente, 32 questões referentes ao conhecimento geral dos professores acerca de pessoas com TEA, 8 questões referentes ao conhecimento de como o professor atua na inclusão de alunos com TEA e 12 questões de identificação pessoal e profissional dos professores. No total, o instrumento é composto por 52 questões, 40 de conhecimento na área do TEA e 12 questões pessoais.

A partir da análise de conteúdo (BARDIN, 2004) das respostas dadas pelos professores e dos temas selecionados foi elaborada a primeira versão do manual, que buscou utilizar termos acessíveis, claros e objetivos para facilitar a utilização por parte de professores com diferentes níveis de formação e familiaridade com o assunto. A primeira versão (MISQUIATTI et al., 2013) foi submetida à apreciação de dois juízes para sugestões sobre o conteúdo e organização do manual. Esses juízes são doutores em áreas correlatas à Educação, familiarizados com a temática investigada. A partir das considerações dos juízes, procedeu-se às necessárias adequações para a versão final do manual, apresentada no presente relato.

## **RESULTADOS**

Como resultado a versão final do manual contém informações sobre os

TEA e aspectos que envolvem a inclusão social e mais especificamente a educação inclusiva para esta população. Mais especificamente são abordados os seguintes assuntos: definição e características dos transtornos; orientações em como proceder na sala de aula com essas crianças; dicas básicas para pais e professores; como uma criança com TEA gostaria de ser vista pelas outras pessoas e; alguns esclarecimentos sobre manifestações do transtorno (quadro 1).

Quanto à redação buscou-se apresentar informações relevantes, mas que fossem claras e objetivas, por meio de linguagem acessível. Em relação ao formato o manual foi elaborado em duas páginas tamanho A4 no programa Microsoft Word 2010, fonte Times New Roman tamanho 10, modo paisagem, com layout dividido em três colunas. Dessa forma, foram realizadas impressões em frente e verso para adequar todo o conteúdo em uma única folha. Após a impressão foram realizadas duas dobraduras, uma em cada delimitação das colunas, que permitiram obter um formato de folheto. Contudo, neste trabalho as informações contidas no manual foram dispostas uma única página para facilitar a visualização do conteúdo.

Quadro 1. Manual de Orientações sobre Transtornos do Espectro do Autismo na Educação Infantil

Página 01



**10 coisas que toda criança com autismo gostaria que você soubesse (Notbohm, 2005):**

“1) Eu sou, antes e acima de tudo, uma criança. Tenho autismo. O autismo é apenas um aspecto de meu ser, não me define como pessoa.

2) Minhas percepções sensoriais são desordenadas. Isso significa que as imagens, sons, cheiros, gostos e sensações táteis cotidianas que você pode nem perceber, podem me causar dor ou incômodo.

3) Lembre-se de distinguir o não fazer (eu escolho não fazer) de o não poder fazer (eu não consigo fazer). Não é que eu não preste atenção nas instruções, eu não consigo compreendê-las. Por isso, venha falar diretamente comigo usando palavras claras.

4) Eu penso de forma rígida (sou um “pensador concreto”). Eu interpreto a linguagem de forma muito literal. Para mim é muito confuso ouvi-la dizer: “Pisa no breque, motorista!”, quando na verdade você está dizendo: “Por favor, pare de correr”.

- 5) Por favor, tenha paciência com meu vocabulário limitado. É difícil dizer o que preciso quando não conheço as palavras para descrever meus sentimentos. Fique atento à linguagem corporal, isolamento, agitação ou outros sinais que indicam que há algo errado.
- 6) Como a linguagem é muito difícil para mim, sou mais orientado pelo sentido da visão. Mostre-me como fazer alguma coisa ao invés de apenas dar uma ordem. E, por favor, esteja preparado para mostrar-me muitas vezes como fazer alguma coisa. Repetições constantes ajudam-me a aprender.
- 7) Por favor, concentre-se naquilo que eu posso fazer, não no que não posso. Procure meus pontos fortes e você irá encontrá-los. Há mais de uma maneira “certa” de se fazer a maioria das coisas.
- 8) Por favor, ajude-me com as interações sociais. Pode parecer que não quero brincar com as outras crianças no parquinho, mas às vezes o problema é que simplesmente não sei puxar conversa ou entrar em uma brincadeira. Se você puder encorajar as outras crianças a convidar-me para brincar, posso ficar bem feliz em ser incluído.
- 9) Tente identificar o que causa minhas crises nervosas. Ocorrem geralmente porque um ou mais dos meus sentidos foram sobrecarregados. Tente lembrar-se que todo comportamento é uma forma de comunicação, ele informa como eu percebo o que está acontecendo no meu ambiente quando não consigo fazê-lo através de palavras.
- 10) Procure ver meu autismo como uma habilidade diferente em vez de uma deficiência. Veja além daquilo que você entende como limitações e veja os dons que o autismo me deu.”

#### ALGUMAS ORIENTAÇÕES: NA SALA DE AULA

- Coloque o aluno com TEA perto de outro aluno mais comunicativo;
  - Promova atividades em grupo e insira o aluno com TEA;
  - Atente para o posicionamento deste em sala de aula, não o deixando em lugares propícios para dispersões e isolamento;
  - Utilize recursos visuais e auditivos que facilitem a compreensão e direcionem o foco;
  - Ensine o aluno com TEA a solicitar ajuda dos colegas;
- Atente-se às diferentes formas de comunicação, como por exemplo:
- . Gestual (expressões faciais e movimentos do corpo);
  - . Vocalizações (choro, gritos, risos, “resmungos”, entre outros);
  - . Gráfica (escrita, letras, logotipos);
  - . Silêncio: Até mesmo quando o aluno fica em silêncio diante uma determinada situação pode ser uma forma de comunicação;
  - . Comportamentos estereotipados e/ou repetitivos: alunos com TEA podem apresentar comportamentos peculiares como forma de protesto.
- Escolha enunciados curtos e diretos;
  - Utilize objetos e jogos manipuláveis;
  - Utilize figuras de apoio que auxiliem na associação de ideias ou a transposição de conceitos para os mais variados contextos (ilustrados e/ou discutidos antecipadamente);
  - Ofereça técnicas de estudo e deixe-o utilizar roteiros e/ou dicas extras;
  - Utilize caixas de fichas para consulta (com fórmulas matemáticas, linhas do tempo, esquemas e desenhos explicativos);
  - Observe o aluno em diferentes contextos e situações da escola para verificar o que desencadeia uma oscilação de humor;
  - Antecipe conversa sobre as situações que causam desestrutura;
  - Perceba o limiar de situação estressora para poder negociar;
  - Perceba quando é falta de controle ou quando é um jogo de negociação da criança ou do jovem.

#### Página 03

#### DICAS PARA PROFESSORES

- 1) Certifique-se de que “o que” você está lidando é um Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). O professor não tem a tarefa de diagnosticar, mas deve questionar.
- 2) Seja paciente. Ministrando aula em uma sala onde há crianças com autismo pode ser um tanto cansativo, portanto procure ajuda de alguma pessoa com conhecimento que você possa recorrer se houver um problema (psicólogo, pedagogo, pediatra, fonoaudiólogo, terapeuta ocupacional).
- 3) Elas precisam de ambientes e tarefas organizadas. Necessitam de instrumentos que as façam lembrar-se das coisas, previsões e repetições de tarefas e limites. Não complique para elas falando sem parar.
- 4) Várias crianças com TEA são excelentes desenhistas, programadores de computador e artistas, entre outros. Encoraje esses talentos dando ênfase em seu desenvolvimento. Elas podem ter fixações em determinados assuntos como trens ou mapas por exemplo. Trabalhe de uma forma que use essas fixações como motivos para trabalhos escolares, usando no caso, os trens para ensiná-la cálculos.
- 5) Preocupe-se mais com a qualidade do que com a quantidade dos deveres de casa. Crianças com TEA podem precisar de uma carga reduzida. Utilizarão o mesmo tempo de estudo e produzirão exatamente o que elas podem, nem mais, nem menos.
- 6) Habitue-se a dar retorno dos resultados obtidos por ela, isso ajudará a criança a se tornar auto observadora. Crianças com TEA geralmente não tem ideia de como estão indo

e como se comportam aos olhos dos outros. Procure informá-las de um modo construtivo. Crianças com TEA normalmente respondem bem se incentivadas e recompensadas e muitas delas são pequenos empreendedores.

7) Faça com que a criança se sinta envolvida nas atividades, isso a motivará. Faça muitos arranjos, separe pares ou até mesmo grupos de crianças que tenham uma boa relação juntas. A criança com TEA precisa se sentir integrada.

8) Dê a criança com TEA um tratamento normal, explique a turma para que se evite uma situação desagradável. Não a subestime, ela pode não estar olhando no momento mas se não tem nenhum problema auditivo preste atenção no que fala diante dela. Nunca fale dela como se não fosse compreender, isso pode provocar uma baixa estima e repugnância pelo ambiente escolar. Procure se reunir com os pais frequentemente e não apenas para resolver crises e problemas.

Referências consultadas:

American Psychiatry Association. Manual diagnóstico estatístico de transtornos mentais (DSM-5-TR). Porto Alegre: Artes Médicas; 2013.

ASA. Autism Society of America. Autism Department of Health and Human Services. Public Health Service National Institutes of Health. U.S,1999.

Autismo e realidade. Kit para os 100 primeiros dias. Defensoria pública do Estado de São Paulo.

Brito, MC; Misquiatti, ARN. Transtornos do espectro do autismo e fonoaudiologia: atualização multiprofissional em saúde e educação. Curitiba: CRV, 2013.

Cartilha direitos da pessoa com autismo. Mello, AMSR. Autismo: Guia prático. São Paulo: AMA; Brasília: CORDE, 2004.

Farias, IM; Maranhão, RVA; Cunha, ACB. Interação professor-aluno com autismo no contexto da educação inclusiva: Análise do padrão de mediação do professor com base na teoria da experiência de aprendizagem mediada. Revista Brasileira de Educação Especial, v. 14, n. 3, p. 365-384, 2008.

Klin, A; Saulnier, C; Sparrow, S; Cicchetti, D; Volkmar, F; Lord, C. Social and communication abilities and disabilities in higher functioning individuals with autism spectrum disorders: The vineland and the ADOS. Journal of Autism and Developmental Disorders, v. 37, p.748-759, 2007.

Notbohm, 2005. Disponível em: <<http://www.ellennotbohm.com/article-translations/dez-coisas-que-toda-crianca-com-autismo-gostaria-que-voce-soubesse/>>

Schwartzman, JS. Transtornos do Espectro do Autismo: Conceito e generalidades. In: Schwartzman, JS & Araújo, CA. (Org.). Transtornos do Espectro do Autismo. Editora Memnon Edições Científicas, 2011.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destaca-se a importância em levar o conhecimento aos professores da educação infantil, sendo o manual um material de apoio a orientações verbais, que pode ser consultado em diferentes momentos. O manual busca apresentar informações relevantes, mas claras e objetivas com linguagem acessível. Além disso, o processo aqui descrito pode oferecer dados que auxiliem na elaboração de materiais para profissionais que atuam na educação inclusiva de alunos com psicopatologias da infância. É válido ressaltar também que o material apresentado neste relato de experiência constitui estritamente material de apoio, complementar que podem ser utilizados em programas de orientação, intervenções ou cursos de formação continuada para professores. Este material pretendeu ainda apresentar uma organização resumida que possa facilitar sua utilização e reprodução quando necessárias. Portanto, caberá aos educadores e outros profissionais que atuam junto às crianças com TEA planejar e aplicar ações mais completas, podendo tomar como base inicial os dados aqui descritos.

APA - American Psychiatry Association. Manual diagnóstico estatístico de transtornos mentais (DSM-5-TR). Porto Alegre: Artes Médicas; 2013.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. 3.ed. Lisboa/Portugal: Edições 70, 2004.

BRITO, M. C. Propostas de intervenção em ambiente escolar e transtornos do espectro do autismo: contribuições da fonoaudiologia. In:

- BRITO, M.C.; MISQUIATTI, A.R.N. (Org). Transtornos do espectro do autismo e fonoaudiologia: atualização multiprofissional em saúde e educação. 1ed. Curitiba: CRV; 2013, p. 23-33.
- BRITO, M. C.; CARRARA, K. Alunos com distúrbios do espectro autístico em interação com professores na educação inclusiva: descrição de habilidades pragmáticas. Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, v. 15, p. 421-429, 2010.
- CAMARGO, S. P. H.; BOSA, C. A. Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura. Psicologia & Sociedade; v. 21 n. 1, p. 65-74, 2009.
- CAMARGOS, W. Diagnóstico precoce do transtorno do espectro autista. In.: BRITO, M.C.; MISQUIATTI, A.R.N. (Org). Transtornos do espectro do autismo e fonoaudiologia: atualização multiprofissional em saúde e educação. 1ed. Curitiba: CRV; 2013, p. 23-33.
- CHAMBRES, P; AUXIETTE, C; VANSINGLE, C; GIL, S. Adult Attitudes Toward Behaviors of a Six-year-old Boy with Autism. Journal of Autism Developmental Disorders, v. 38, p. 1320-1327, 2008.
- CHARMAN, T. (2011). Autismo e seu impacto no desenvolvimento infantil. [versão eletrônica] In: TREMBLAY, R. E.; BARR, R. G.; PETERS, R., De.V. & BOIVIN, M. (Ed.). Enciclopédia sobre o Desenvolvimento na Primeira Infância. Montreal, Quebec: Centre of Excellence for Early Childhood Development, p. 1-6. Disponível em: <<http://www.encyclopedia-crianca.com/documents/CharmanPRTxp1.pdf>>.
- ECHER, I. C. Elaboração de manuais de orientação para o cuidado em saúde. Revista Latino Americana de Enfermagem; v. 13, n. 5, p. 754-7, 2005.
- GALVÃO, A. C. T.; BRASIL, I. Desafios do ensino na Educação Infantil: perspectiva de professores. Arquivos Brasileiros de Psicologia; v. 61, n. 1, p. 73-83, 2009.
- MELLO, A. M. S. R. Autismo: Guia prático. São Paulo: AMA; Brasília: CORDE; 2005.
- MISQUIATTI, A. R. N., BRITO, M. C., CERON, J. S., CARBONI, P. P., OLIVATI, A. G. Comunicação e transtornos do espectro do autismo: análise do conhecimento de professores em fases pré e pós-intervenção. Revista CEFAC (no prelo), 2013.
- OLIVEIRA; M. G. G. BAPTISTA; R. M. DOMENES. Saúde mental e fonoaudiologia: uma experiência interdisciplinar em uma clínica-escola. O Mundo da Saúde São Paulo, v. 32, n.2, p. 243-247, 2008.
- RUBLE, L.; MCGREW, J. H. Teacher and Child Predictors of Achieving IEP Goals of Children with Autism. Journal of Autism and Developmental Disorders; Jul 10, 2013 [Epub ahead of print].
- SIMPSON, R. Evidence-Based Practices and Students With Autism Spectrum Disorders. Focus on Autism and Other Developmental Disabilities Fall; v. 20, n. 3, p. 140-9, 2005.
- STEWART-BROWN, S. Research in Relation to Equity: Extending the Agenda. Pediatrics, v. 112, Supplement 3 September 1, p. 763 -765, 2003.
- TANAKA, O. Y.; RIBEIRO, E. L. Ações de saúde mental na atenção básica: caminho para ampliação da integralidade da atenção. Ciências de saúde



coletiva, v. 14, n. 2, p. 477-486, 2009.

*Publicado em 08/04/2014 17:52:00*

Andréa Regina Nunes Misquiatti, Maria Claudia Brito, Caroline Stefani Dias Basso, Ana Gabriela Olivati - Andréa Regina Nunes Misquiatti: Fonoaudióloga, Docente do Departamento de Fonoaudiologia da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, São Paulo, Brasil, Doutora em Linguística pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Brasil.

Maria Claudia Brito: Fonoaudióloga; Pós-doutoranda (FAPESP) e Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, São Paulo, Brasil.

Caroline Stefani Dias Basso: Graduanda de Fonoaudiologia do Departamento de Fonoaudiologia da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, São Paulo, Brasil. Bolsista PROGRAD.

Ana Gabriela Olivati: Graduanda de Fonoaudiologia do Departamento de Fonoaudiologia da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, São Paulo, Brasil. Bolsista FAPESP.

Dê sua opinião:



Clique aqui: [Normas para Publicação de Artigos](#)

[ Página Inicial | Voltar ]

© 1998 - 2015 Psicopedagogia On Line - Tel/Fax.: 11-5054-1559

Comentários: [comentarios@psicopedagogia.com.br](mailto:comentarios@psicopedagogia.com.br)

Direitos Autorais



Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons.